Ano 28.º — Sábado, 21 de Dezembro de 1935 — N.º 1402

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA

Em matéria de previdência social, o Estado Novo afastou-se, como não podia deixar de ser, do caminho até agora trilhado, no domínio do liberalismo económico, preferindo as soluções realistas às construções fantásticas, absurdas e ruïnosas em que se comprazem certas democracias.

Para se garantir a estabilidade económica dos que trabalham, para se lhe assegurar o socôrro indispensável na doença ou no desemprêgo ocasional e o pão nos dias da velhice ou de invalidez, é evidente que se não póde nem deve contar com as obras de assistência, por mais meritórios e louváveis que possam considerar-se os esforços dispendidos nêsse campo.

Em primeiro lugar, por uma razão de ordem prática e puramente aritmética: o problema tem uma extensão e um volume que largamente excedem as possibilidades e o alcance das iniciativas de beneficência.

Em segundo lugar, porque se não póde compreender que quem trabalha uma vida inteira de sol a sol fique devendo à caridade a casa e a alimentação dos últimos dias de existência.

E, de resto, solução como a dos albergues de inválidos que, a trôco do pão quotidiano, segregam da vida e encasernam os velhos, representam na grande maioria dos casos uma autêntica violência. Podem servir para aquêles que chegam ao último período de vida sós no mundo. Não servem para aquêles que têm família.

O bom senso burguês profundamente egoísta dirá que os que têm família não precisarão de recorrer às instituïções de protecção, o que é profundamente falso: muitas vezes a família representa ainda encargo em vez de apôio para os velhos e inválidos. E mesmo nos outros casos, quando o trabalhador esgotado de fôrças tem filhos homens, é puramente ilusório pensar que, na generalidade, se lhes possa exigir o sacrifício de o terem a seu cargo. A insuficiência dos salários já mal permite à grande maioria dos trabalhadores uma vida apertada e difícil em que caibam as despezas essenciais de habitação, vestuário e alimentação, próprias e da mulher e da próle. Não estão em circunstâncias de serem onerados com o pêso de mais êsse encargo, sob pena de se vêrem impedidos de constituír família.

Ora se é certo que não se podem esquecer os deveres para com os pais, a verdade é que êsses deveres não podem antepôr-se às obrigações para com os filhos. O passado não póde nem deve representar uma hipótese sôbre o presente, e muito menos onerar o futuro das gerações nascentes.

Para que se efectivem os deveres naturais de solidariedade familiar é indispensável que existam as condições mínimas dessa assistência mútua. E essas condições—há que reconhecê-lo—não existem nas classes que trabalham.

Assim a assistência familiar não resolve nem pode resolver a questão nas circunstâncias económicas de hoje pelo menos.

No que toca ao internamento em asilos não póde, em bôa consciência, deixar de se considerar o seu *quantum* de desumano para aquêles que se não encontram desprendidos dos laços e das afeições de família.

Portanto, a beneficência não soluciona o problema.

E, quando o pudesse solucionar, ainda mesmo assim se não justificaria moralmente a generalização das iniciativas dessa natureza, perfeitamente compreensíveis quando se trata de anormais, inaptos para a cooperação social, mas profundamente revoltantes quando se trata de os aplicar aos que envelhecem ou se inutilizam depois de uma vida de trabalho.

Para êstes a assistência caritativa não póde deixar de constituir uma humilhação.

Ao acto de caridade é preciso que se substitúa o direito, à assistência a previdência.

Não póde ser outro o caminho, como o compreendeu o Estado Novo, consagrando à previdência social a mais disvelada atenção, como o demonstra o decreto recente sôbre caixas sindicais, cuja organização representa um passo decisivo no sentido das grandes realizações sociais.

Efemérides

21 de Dezembro

1805 — Morre em Lisboa, com 39 anos e na miséria, o inspirado poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, que, a-pezar-da sua curta existência, se celebrizou, deixando um nome imorredouro.

1906—Após a sua expulsão, regressam à Câmara dos Deputados os srs. drs. Afonso Costa e Alexandre Braga, representantes do partido republicano a quem foi entregue uma mensagem com 44 389 assinaturas.

Cruzeiro aéreo

—o—

Faz hoje oito dias que partiu de Lisboa uma esquadrilha de 9 aviões, chefiada pelo coronel Cifka Duarte, que se propõe visitar algumas das nossas colónias.

Os aviadores encontram-se em Bolama onde passarão o Natal.

Felizes festas.

Inquérito

—o—

Pelo sr. dr. Melo Freitas, juiz de Direito desta comarca, foi dado por concluso um inquérito no qual figura como argüido o professor Apolinário Leal, do Liceu de José Estêvão.

Aguarda-se agora que se pronunciem as instâncias superiores.

O TEMPO

—o—

Tambem nos visitou a borrasca para encher as ruas de lama.

Fruta da época.

IMPRENSA

«O CONCELHO DA MURTOSA»

Completou nove anos êste confrade, que se publica sob a direcção do sr. João Rico e no qual os povos da região têm um acerrimo defensor.

Afectuosos cumprimentos.

BAILES

—o—

No salão nobre dos Paços do Concelho de Agueda realisa-se hoje uma elegante festa em beneficio dos Bombeiros-Voluntários daquela vila e de cuja comissão fazem parte as sr.as D. Maria do Carmo Martins Ribeiro de Lima, D. Maria de Lourdes Carneiro Tavares Proença, D. Filipa Branca de Faria e Melo Cadoro e os srs. Visconde de Valdemouro, Jorge Vital Pereira dos Santos e Manuel de Sousa Carneiro.

A Noite Rubra, como é cognominada esta festa, está despertando, pela sua originalidade, grande entusiasmo.

* * *

No *Club dos Galitos* da nossa terra também se realisará uma grandiosa *soirée* na noite de 31 do corrente para a qual a comissão organisadora está trabalhando activamente.

Será abrilhantada pelo magnifico conjunto *Talábriga-Jazz*, devendo tomar parte a fina flôr das nossas tricaninhas.

Agradecemos os convites com que distinguiram *O Democrata*.

Para fóra

Afim de cumprir 8 anos de deportação em que foi condenado por ter tomado parte na tentativa revolucionária de 10 de Setembro último, vai a caminho de Cabo Verde o ex-capitão de mar e guerra Mendes Norton.

É o prémio.

Dr. Luís Cipriano Coelho de Magalhães

Morreu, no Pôrto, o último filho de José Estêvão, que foi conselheiro de Estado no regimen depôsto, poeta, escritor e jornalista

O seu cadáver veio para Aveiro onde o funeral atingiu extraordinárias proporções de grandeza

Subitamente, sem que ninguém pudesse prevêr o brusco desenlace, finou-se às 22 hôras e meia do último sábado num quarto particular do pavilhão do hospital da Ordem do Carmo da cidade do Pôrto, onde se encontrava em tratamento, o último filho do egrégio tribuno aveirense José Estêvão Coelho de Magalhães, o sr. dr. Luís Cipriano Coelho de Magalhães.

Figura de alto relêvo na política do extinto regimen: poeta, escritor e jornalista, desaparece da cêna da vida alguém que tinha direito à consideração e estima da gente desta terra, para onde veio o seu cadáver e que, na terça-feira de tarde, lhe prestou condigna homenagem, acompanhando-o à última morada.

Os despojos do sr. dr. Luís de Magalhães estiveram na Câmara Municipal, cujos sinos dobraram a finados, indo depois a urna que os continha para a próxima igreja da Misericórdia aos ombros dos srs. dr. José de Azevedo, tenente Carlos Moreira, Luís Novais, Diogo Novais, dr. Manuel Macedo Santos e Visconde do Banho. Após o último responso faz-se a trasladação do ataúde para defronte da estátua do pai do extinto, na Praça da República, em frente à Câmara, aonde se aglomera, a-pezar-da chuva miúda, que cai incessantemente, enorme multidão, sendo aí proferidos os discursos iniciados pelo senhor

Dr. Querubim do Vale Guimarães

que assim falou:

Senhores:

Aveiro vive um momento de mágoa intensa, de profunda dôr.

Aquêle que se orgulhava de ser seu filho, porque o era pelo coração, embora nascido longe daqui e que Aveiro tinha também bem próximo do seu coração, considerando-o, entre os grandes, um dos que mais a honravam pelos primôres do talento, pela nobreza da alma, pela dignidade e aprumo dum caracter sem mancha, pela elegância moral do seu exemplo cívico e pela extrema bondade com que a todos inspirava a mais franca simpatía, vem hoje, em viagem derradeira, pedir ao carinho maternal da terra que tanto amou, que receba os seus despojos, envólucro frágil dum espírito forte e junto dos que bem queridos lhe eram e grandes fôram também nesta terra e nesta pátria, possa repousar, enfim, na paz do túmulo, acariciado pela cidade que entre todas distinguiu e de cuja beleza, valor e honra viveu sempre enamorado.

Luís de Magalhães, que a Morte levou prostrando-nos a todos na amargura duma saüdade imensa, deixa na literatura e na história política do país um nome ilustre e um nome honrado, a recordação duma vida toda votada ao bem comum, ao serviço da Pátria estremecida, ao culto do Belo e da Bondade, espírito que, se avulta entre a élite intelectual dos seus contemporâneos, a tantos se sobrepõe entre a mais exigente das élites, essa élite moral em que só triunfam os fortes de alma, os puros de intenções, os sinceros de sentimento, os verdadeiramente nobres pelos pergaminhos de virtudes raras, daquelas que enobreceram na história os varões ilustres.

Na sua imaginação de poeta, na vivacidade encantadora da sua conversação, no ardor de dialética da sua característica figura de orador, no rigôr de análise dos seus estudos críticos, ora falando, ora escrevendo, ora fazendo prosa, ora fazendo verso, Luís de Magalhães manteve sempre dentro do cristal puríssimo duma dignidade inexcedível, aquela posição singular que torna excelsa a figura e que a todos a impõe, num côro geral de admiração e respeito. Caminheiro infatigável do Ideal viveu permanentemente o seu sonho de Beleza. Jàmais, até ao instante último, se afastou do seu idiario—respeitar a Deus e servir a Pátria, amar o bem e a virtude, cumprir devotàdamente os seus deveres cívicos e ter sempre presente o imperativo da consciência: não sacrificar nunca a interêsses ou comodidades a pureza dos seus princípios, a inabalável firmeza das suas convicções.

Digno filho de José Estêvão, o grande português e o grande aveirense que esta terra considera o maior de todos e a cuja memória presta excepcional culto, digno neto de Luís Cipriano, o grande médico, providência dos pobres, amparo dos infelizes, alma pura e coração de oiro, cuja vida de modéstia e de dignidade é fanal precioso, Luís de Magalhães foi o continuador, no nosso tempo, dessa dinastía de grandes pelas virtudes raras que são honra e glória nossa. Recordo Aveiro, nêste momento doloroso, essas duas figuras que precederam na vida o nosso querido morto de hoje e de quem herdou tão preclaras e nobilitantes qualidades.

Quando morreu Luís Cipriano, o médico estimado e ádmirado pela formosura do seu coração, tão dedicado a esta terra que nela ficou exercendo a sua acção de caridade e de conselho quando do transe angustioso das invasões francêsas, Aveiro estremeceu de dôr.

Diz um biógrafo de José Estêvão:

«... o dia 27 de Março de 1856 foi um dia de luto e de lágrimas para a cidade de Aveiro. É que Luís Cipriano, mesmo quando não fôsse o pai de José Estêvão, era uma relíquia respeitável que Aveiro possuía, para mostrar aos homens de agora o que era um português dessas eras felizes em que a honra e a virtude não eram títulos, mas qualidades nacionais.»

Esta a nobreza que herdou.

Do pai, do glorioso tribuno e patriota, para que falar?

Êle encheu de clarões de génio oratório a terra de Portugal e foi, por todos os títulos, pelo talento e pela virtude, justo orgulho desta terra que lhe foi bêrço.

Se em Lisboa, ao ser conduzido para a última morada, o *«Diário do Govêrno»* de então nos conta ser difícil, «se não impossível, descrever a magestade do saímento, ainda mais a saüdade que êle revelava, a mágoa, a dôr, as lágrimas que, se pudessem imprimir sôpro de vida a um cadáver, a cadeira parlamentar de José Estêvão não estaria já coberta de crépes», em Aveiro ao receber-se o seu corpo, nunca houve tão grandiosa manifestação de pesar, tão intensa e tão forte comoção.

Era um despojo precioso que à sua guarda era confiado.

Pois bem: Aveiro recebe hoje também, comovidamente, enternecidamente, devotamente, o corpo daquêle que tanto honrou a memória dos grandes aveirenses que o precederam na vida, que tão alta e nobre lição foi sempre das mais raras, das mais puras e das mais distintas qualidades morais e intelectuais que pódem enobrecer o homem, que foi um grande português e deu pelo sangue que lhe corria nas veias, honra e lustre a esta terra, que o contará sempre na eternidade da história, como um dos maiores a viver perenemente no culto da nossa saüdade infinita.

Ali, no nobre solar do município, com honras excepcionais, ficou depositado por algumas horas e velado carinhòsamente pelo povo aveirense, o filho de José Estêvão que, daqui do bronze da imortalidade onde o vemos todos os dias, parecendo-nos ouvir-lhe ainda o timbre da sua voz e sentir a inflamada beleza dos seus reptos oratórios, assiste, com comoção, a esta homenagem da terra que tão bem serviu, revendo nas virtudes e talento do filho, a cujos triunfos não assistiu, os talentos e as virtudes com que a Providência o dotou.

O senhor

Dr. Jaime de Melo Freitas

diz:

Senhores:

Lembraram-se de mim e não havia o direito de esboçar, sequer, alguma escusa. Mas impuz condições. Viria aqui sòmente como amigo,—grato à manifesta estima com que sempre era tratado,—e como qualquer outro aveirense,—porque todo o aveirense sabe e não esquece o que significa esta derradeira homenagem que prestâmos a Luís de Magalhães!

Não viria, pois, e de facto não vim, fazer o elogio que a outros estará confiado e que é encargo muito acima dos meus modestos recursos.

Falarei, agora, como sempre—mas aqui por especial dever—com desataviada sinceridade, pondo nas minhas palavras a limpidez cristalina de singelas lagrimas de profunda saüdade.

Temos, Senhores, junto de nós, nesta nossa terra, a que se acolhe para o repouso do sono último, um filho de José Estêvão. Que mais seria preciso? Como poderia isto ser-nos indiferente? Mas, em verdade, há mais e muito mais.

José Estevão foi grande não apenas pelos fulgôres de inteligência, mas também pela notabilíssima elevação do seu carácter.

Direi agora: em qualquer campo que alguém se encontre, qualquer que seja a sua ideologia política, dever-se-lhe-há respeito, ou mesmo admiração, se sabe proceder, em todos os seus actos, com cavalheirismo, com perfeita honestidade.

Não haja, portanto, confusões. Homem de bem, carácter impoluto, Luís de Magalhães honrou *absolutamente* o nome do seu Pai, tão querido dos aveirenses. E, ao mesmo tempo, foi talentoso: publicista notável, poeta e orador de brilho.

Por haver feito parte, em 1919, do efémero govêrno da chamada Monarquia do Norte, sofreu agruras. Fiel aos seus princípios, pundonoroso, não pretendeu fugir a responsabilidades que pudessem caber-lhe. Só mostrou, mais uma vês, o seu carácter!

Durante creio que 23 mêses, viu-se arrastado pelas prisões, ao tempo já sofrendo da doença a cujos estragos veiu a sucumbir agora, mas do cárcere o libertou uma amnistia.

Devo recordar um facto. Numa tarde, em casa de minha família, meu Pai e certa pessôa de grande relêvo neste meio acordaram em que Aveiro tinha a cumprir um dever, impôsto pelas reconhecidas virtudes do dr. Luís de Magalhães: pedir, sem demora, a sua libertação! Não chegou a ser necessário aquêle gesto colectivo solicitando uma medida excepcional para quem, por si próprio, a merecia e era, ao mesmo tempo, o filho de José Estêvão!

Outro facto devo referir. Numa conferência realisada nesta cidade, em 14 de Agosto de 1909, no *Club Mário Duarte*, é também meu Pai a falar: «Depois de sufocada a revolta republicana de 31 de janeiro de 1891, um dos promotores daquele levantamento malogrado, Bazílio Teles, refugiou-se na casa de Luís de Magalhães, em Moreira da Maia, e ali encontrou a protecção e o auxílio necessário para ganhar a fronteira, esquivando-se às pesquizas dos esbirros. Registe-se esta generosidade cavalheirosa e nunca se esqueça!».

Que nenhum aveirense esqueça, pois, e estou certo de que não esquecerá, o exemplar aprumo, a estrutura moral do sr. dr. Luís de Magalhães.

Mas tenho que despedir-me, Senhores!

Pela última temporada da Costa Nova, lá estêve o meu bondoso e ilustre Amigo. Deu-me a honra de procurar-me, aí, em minha casa, para agradecer-me a visita que lhe fizera. Então saíra eu, mas voltámos a estar juntos, porque fui assistir à sua partida para Moreira da Maia. Não éramos muitos: eu e mais duas pessoas. Como poderia faltar hoje?

Perdera irremediàvelmente a vista, mas sonhava ainda! Sonhava melhores dias—em que pudesse tornar a embeber o seu espírito gentil de poeta nas belezas daquela encantadora Costa Nova, que nos descrevia de cór, como se estivesse ainda, ou já de novo, a vê-la!

Ah! meu Amigo! Agora sim. Se a crença de tantos não é uma ilusão, podereis vós estar a vêr isso e muito mais àlem...

Como eu desejaria que assim fôsse!

Como eu desejaria que meu querido Pai estivesse a ouvir-me e a fazer côro comigo!

Senhor Conselheiro Luís de Magalhães: Em pensamento vos abraça, num sentido adeus, o «vosso caro Jaime» (assim me tratáveis), o filho do vosso bom amigo Joaquim de Melo e êste, sem dúvida, um dos maiores admiradores de vosso Pai!

Conde de Azevedo

Invoca a sua qualidade de companheiro do dr. Luís de Magalhães na Junta Governativa do Pôrto e depois na prisão para se despedir do amigo leal a quem presta a derradeira homenagem. Fala dos sacrifícios, das dôres e das amarguras que ambos sofreram e põe em destaque o espírito altruista do velho português de quem se despede com infinita saüdade.

O sr. Presidente da Câmara da Maia

diz que vem entregar a Aveiro a relíquia sagrada dum municipe, como tal considerado por todo o povo do concelho. E pede a Aveiro que a guarde e venere e a respeite com orgulho por se tratar de um homem de raras virtudes e excepcional talento.

Por último, o discurso do

Dr. Alberto Souto

Meus senhores:

Com os restos mortais de Luís de Magalhães vai Aveiro sepultar um século da sua história e da história de toda a Nação...

Filho de José Estêvão, o soldado da Liberdade e o paladino da Democracía, Luís de Magalhães conservou através de todas as vicissitudes da sua carreira política e da política do seu tempo, ardente e vivo, o culto das grandes ideias do século XIX e o respeito dos princípios que nortearam a geração gloriosa que lhe dera o ser.

Monárquico e conservador, desfraldou muitas vezes a bandeira do seu ideal em luta com a opinião republicana senhora dos destinos do País, mas passados os ardores e as exaltações das horas de combate, a nobreza do seu caracter e o digno desassombro das suas atitudes, impuzeram-nos sempre, a todos nós os seus adversários, um respeito absoluto pela nobreza da sua figura.

Quando prêso, por efeito de condenação do tribunal que julgára a monarquia do norte de cujo govêrno fôra ministro, tive a honra de acompanhar muitos republicanos de Aveiro que solicitaram do Govêrno da República o seu indulto. O nosso gesto não fôra incoerência, fôra apenas um dever, porque o nosso idealismo a isso nos obrigava.

Doía o coração aos republicanos liberais seus conterrâneos, vêr na prisão o filho de José Estêvão que dera à sua pátria a liberdade e que dera à sua terra tanta glória.

A herança de tolerância e de virtude cívica que seu pai nos deixára com a elevação dos seus ensinamentos de bondade e o exemplo dos seus grandes gestos de generosidade para com os vencidos, não podia ser repudiada por aquêles que se haviam educado no devotado exercício dos mesmos princípios políticos. Luís de Magalhães grato a semelhante atitude, juntou mais um título de afeição a Aveiro àquêles que já possuía e de que tanto se ufanava. A sua amisade pela cidade de seu ilustre Pai, tornou-se uma religião, uma preocupação

constante, uma ternura de alma temperada num momento, de adversidade e exaltada no amor desta terra. Apagado aquêle ressentimento que as lutas partidárias sempre despertam no coração dos homens, Aveiro em pêso, sem distinção de ideias nem de facções, passou a considerar Luís de Magalhães como uma das figuras máximas do seu agiológio civil.

Prestando-lhe esta homenagem derradeira, Aveiro obedece a um ditame da afectividade da sua alma colectiva e do seu geral, sincero e unânime sentimento de gratidão e admiração pelo vulto elegante, bondoso e prestigioso que acaba de desaparecer.

* * *

Vamos a enterrar não apenas o corpo de um escritor ilustre e de um homem verdadeiramente distinto: vamos a enterrar com o último abencerragem da monarquia constitucional um século de história. Nunca êle a renegou nem seguiu os que bateram palmas entusiastas aos detractores da obra de seus pais. Essa história, êle que era coerente, generoso e justo, soube revindicá-la defendendo-a das fraquezas que se lhe apontam e elevando-a na beleza dos seus fastos.

Renegar essa história era renegar a memória paterna, era desprezar a herança espiritual daquêle Génio que tanto brilhára no segundo quartel do século em que êle formára a sua mentalidade, que deixára nos contemporâneos uma impressão enorme e na história política do país um lugar marcado e, sem exagero, proeminente e brilhante.

Levados na onda fagueira de novas ideias que triunfaram fàcilmente mercê das conseqüências da grande guerra que não produziu apenas as nevroses dos feridos e dos extenuados das trincheiras, mas nevroses colectivas e nevroses políticas em sectores diferentes mas todas caracterizadas pelo extremismo como posição e pela violência como táctica, muitos dos seus companheiros de ideal monárquico abandonaram a tradição liberal do constitucionalismo e da monarquia representativa e embarcaram na galera das novas ilusões. Mas êle ficou no seu pôsto, fiel ao seu rei, mas fiel à essência do ideal da Democracia que o seu progenitor sempre professára e defendera. A sua vivenda na Moreira da Maia sobranceira à praia de Arenosa do Pampelido onde com o Rei-soldado desembarcou seu Pai juntamente com os 7500 bravos do Mindelo, em julho de 1931, parecia simbólica. E quando de alguns arraiais também chamados conservadores se ergueu um arruído que agrupava o esfôrço admirável da geração que lutára contra o absolutismo e soubera derrubar a tirania miguelista, êle saíu a terreiro e bateu-se como um joven, esbelto nas maneiras e dextro nas razões e no meio do espanto de uns e do desconcerto de tantos, repôz a verdade e saíu da liça como um atleta que vencesse no torneio. A causa constitucional rudemente atacada por um miguelismo póstumo e um neo-absolutismo que mal disfarçava a saüdade das barbaridades de 1829 a 1834, foi por êle defendida com argumentos dos mais bem manejados que no grande pleito algum dia tivera ao seu serviço.

Ainda que o ilustre finado não fôsse filho de José Estêvão, a afinidade ideológica fundamental das duas correntes democráticas que êle e os republicanos, como eu, representavam, era o bastante para merecer mais que a nossa simpatía — o nosso profundo respeito e a devida justiça na hora derradeira.

Sou daquêles que sem cederem das suas convicções democráticas, entende que novos horizontes estão abertos às ideias políticas que como tudo no universo experimentam mudanças lentas de fórma e por vezes crises agúdas de expansão, depressão ou crescimento. Mas sentiria a repugnância de mim mesmo se para abrir o espírito à parte sensata e razoável das novas ideologias, abjurasse das ideias que tanto tempo preconisei e cobrisse de impropérios aquêles homens e aquelas tradições a que devo a minha formação espiritual.

Luís de Magalhães sentia o mesmo respeito e a mesma admiração pelo grande século donde provinha e pelos homens que, como seu Pai, à custa de tantos sacrifícios, tanta tenacidade e tanto civismo, e apesar de tantas hesitações e tantos insucessos, integraram Portugal na corrente da civilização da época abrindo os espíritos às ideias do tempo e provendo o país da aparelhagem progressiva que por completo nos faltava no começo do século XIX. Esta coerência com os princípios essenciais da Democracia, êste respeito filial e profundo pelo pensamento dos homens de 28 e 34, juntos com o seu aprumo moral e allados à sua elegância intelectual fizeram dêle uma figura que toda a Nação ponderada e sensata passou a venerar.

Desejo que as minhas palavras sejam nesta parte interpretadas simplesmente como a homenagem leal e nobre de um adversário político de um quarto de século ao mais nobre, leal e respeitável dos seus ilustres e dignos adversários.

* * *

Prosador distinto, orador de singular eloqüência, poeta de alto mérito, romancista, crítico, jornalista, Luís de Magalhães fica na História da Literatura Portuguêsa com o seu nome bem vincado e aureolado.

Não foi um anónimo dormindo á sombra do estro de seu Pai; foi um herdeiro de centelhas de talento que nele mesmo rebrilharam com faltas próprias e merecimentos autónomos e muito pessoais. Deixa uma obra sua que é inconfundivel. No seu amor a Aveiro foi dos mais ferverosos. Dedicou á beleza da nossa ria, á graça da nossa paisagem, ás virtudes e características do nosso povo, algumas das mais belas páginas saidas da sua pena que muitas vezes invoco e repetidamente cito.

Aveiro recebe, pois, os seus restos mortais com verdadeira unção, com sincero e sentido recolhimento e vai depô-los junto das preciosas reliquias de seu Pai, patrono cívico desta terra, guardando a sua memoria como daquêles que mais nos enobreeem.

Vamos nós, os vivos, levar o seu corpo ao santuário onde repousam os seus maiores, curvando-nos de gratidão e de respeito perante o seu adito...

No Olimpo onde devem juntar-se as almas dos bons e as almas dos poetas, o seu espírito gentil, cavalheiresco e idealista, perpassando pela face de Deus, encontrará por certo a paz e a bemaventurança que merecem todos os justos!

E agora, Martires de 1828, exilados da Inglaterra, bravos do Mindelo e do cerco do Pôrto, soldados da Liberdade, companheiros de José Estêvão e continuadores da sua tradição, aveirenses que sofreram as angustias das devassas e fizeram as campanhas gloriosas do segundo quartel do século XIX, recebei no vosso meio a alma do vosso grande amigo e defensor, que as suas cinzas, nós, aveirenses, as velaremos religiosamente nêsse santuário paterno, á volta do qual sempre nos juntamos nas horas solenes da nossa humilde terra!

Estes discursos encerram tudo, não sendo, por isso, necessario gastar mais espaço em focar as qualidades que distinguiam o morto ilustre.

Após organisou-se o funeral que pelas ruas Coimbra e da Corredoura, pejadas de povo, se dirigiu ao cemitério. A' frente os Bombeiros da Vista Alegre, com bandeira, seguidos de alguns representantes da fábrica; Banda Amisade, Banda dos Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes Banda José Estêvão com a Banda do Asilo José Estêvão, tocando, em conjunto, uma marcha fúnebre; Academia com a bandeira envolta em crepes; Escola Industrial e Comercial tambem com a bandeira e, ladeando o feretro, as duas corporações locais de bombeiros, de grande uniforme. Atraz, um numeroso grupo de senhoras, deputações de todas as colectividades de Aveiro, da guarnição militar, funcionalismo público, classe piscatória, operariado, do comércio e indústria—tudo, enfim, quanto nesta cidade existe de mais representativo.

De fóra igualmente muitas pessoas e ocupando um automóvel, por o seu estado de saude não lhe permitir demasiado esfôrço, o sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, que, com a sua presença no enterro do velho amigo, deu um nobre exemplo e uma grande lição de civismo.

Fôram organisados pelo sr. dr. Jaime Duarte Silva os seguintes turnos:

1.º

Presidente da Câmara da Maia, Governador Civil de Aveiro, Comandante de Infantaria 19, Juizes de Direito da 1.ª e 2.ª vara e Presidente da Junta Geral do Distrito.

2.º

Comandante de Cavalaria 8, Engenheiro João Teodoro, Conselheiro Nunes da Silva, Capitão do Pôrto, Comandante da Polícia e Reitor do Liceu.

3.º

Conde de Águeda, Conde de Azevedo, Conde da Borralha, Visconde do Banho, Visconde da Granja e desembargador dr. Leal de Sampaio.

4.º

Director de Estradas do distrito de Aveiro, director da Escola Comercial, Administrador do Concelho da Maia, António Calheiros, dr. André Mourão e presidente da Academia.

5.º

D. Maria do Cardal de Lemos, D. Maria do Carmo Lemos, dr. Manuel dos Santos, Sebastião de Magalhães Lima, José Viana e dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara de Aveiro.

O sr. dr. Luiz de Magalhães deixou o mundo com 76 anos, visto ter nascido em Lisboa a 13 de Setembro de 1859 e o seu cadaver ficou no jazigo do cemitério central onde, além dos seus maiores, já repousam outros entes queridos. Lá o fômos acompanhar. E porque é sempre de dura provação para as pessoas de família a morte dos que a compõem, o *Democrata*, embora se trate dum adversário político, acompanha-a no seu justo sentimento e presta-lhe por bem a merecer a sua homenagem na hora derradeira.

Viajar barato

—o—

A Companhia do Vale do Vouga decidiu também, como a C. P., adoptar nas suas linhas os bilhetes de fim de semana, com a redução de 50 %, e que, sendo utilizados aos sábados e domingos, dão direito ao regresso no domingo ou segunda-faira.

Bem bom para quem gosta de distrair o espírito.

Secção desportiva

Foot-Ball

A. D. Ovarense 2--Galitos 1

No encontro efectuado, domingo, em Ovar, para o campeonato da Divisão de Honra, a *Associação Desportiva Ovarense* bateu os *Galitos* por 2-1.

A bola dos aveirenses foi marcada de *penalty* por intermédio de Lino, na primeira parte, tendo a *équipe* da nossa terra jogado quási toda a partida com dez elementos.

* * *

A'manhã realisam-se os siguintes encontros: *Beira-Mar—Estrêla F. Club*, no Campo de S. Domingos e *Galitos—P. Brandão*, em Paços Brandão.

Basket-Ball

Bronze João Sarabando

A secção desta modalidade do *Club dos Galitos* está organisando um torneio para disputar, entre *èquipes* da nossa terra, em bronze que instituíu com o nome de João Sarabando, um apaixonado pelos desportos.

A inscrição fechará na próxima sexta-feira para no dia imediato se proceder, no club organisador, ao sorteio, marcando-se depois a data do início do torneio.

A.

A Marrafa

—o—

Morreu em Coímbra com perto de 80 anos, se é que aínda os não havia atingido, a Maria Marrafa—eis a notícia que, no último sábado, nos trouxe os jornais e nós arquivâmos também, com verdadeiro sentimento pelas recordações que o seu nome aviva.

A Marrafa era uma antiga servente de estudantes, a quem, de noite, destribuira as *sebentas* e que figurou, depois, no *Centenário* com outros tipos curiosos da velha Coímbra, como o *Manuel das Barbas*, o *Quartorze*, o *França Rolié*, o *Almirante Rato*, etc. Tivemo-la, por essa ocasião, a nosso lado, no célebre banquête do Largo da Feira, assistindo, depois, na Rua das Casinhas, onde morava, á inauguração da placa que dava a essa artéria do bairro alto o seu nome.

A academía, vendo nela, agora, um símbolo, fez-lhe um entêrro grandioso e vai-lhe perpectuar a memória no cemitério da Conchada e com uma lapide na humilde casa que durante muitas dezenas de anos lhe serviu de habitação.

E' que a Marrafa tudo merece por ter sido uma alma generosa e bôa.

Que descance em paz.

NOVOS SELOS

=o=

Vão ser postos em circulação, juntamente com os restantes em vigôr, outros sêlos postais da taxa de 40 centavos, de côr castanha, mas alegóricos do Estado Novo.

É mais uma casa que se tem de abrir nos albuns filatelistas.

Êste número foi visado pela Censura

Necrologia

Vitimada por uma hemorragia cerebral finou-se a semana passada Carolina Baptista Moreira, de 67 anos, natural de Vila do Conde.

Era viúva de Pedro Moreira e o seu cadáver foi sepultado no cemitério central.

* * *

Em Salreu, onde exercía o magistério primário há 32 anos, deixou, igualmente, de existir, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria da Conceição Fontes Ala.

Era solteira e irmã das sr.ªs D. Maria José, D. Elvira e D. Amália Fontes Ala.

Tinha 57 anos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Isauro dos Santos, casado, de 67 anos, natural de Marrozes (Batalha) e Clara de Jesus, viúva, de 30 anos; em *Vilar*, Maria Nunes Vieira, solteira, de 70 anos.

Correspondencias

Oliveirinha, 19

Mal diríamos nós ao enviar a semana passada para essa Redacção a correspondência que saíu no sábado, que no mesmo sábado já teríamos luz na via pública a ponto dos mais pessimistas ficarem admirados.

Pois é verdade: a rua principal da Oliveirinha até o largo da igreja, de noite, deixou de ser o que era dantes com aprazimento dos que gostam de vêr o caminho que calcam e à roda se passa.

Congratulâmo-nos com o melhoramento e oxalá outros se façam com o mesmo êxito para interêsse da Oliveirinha.

C.

Costa do Valado, 19

Temos à porta o S. Tomé, advogado dos animais de *vista baixa*, que, por isso, recebe, de promessas, centos e centos de pés dos ditos, que são arrematados no dia da festa, durante o arraial. Esta é já no domingo; todavia não vemos que o programa divirja muito do dos anos anteriores a não ser no capítulo música, que êste ano serão duas, àlém da tuna, para alegrar a mocidade. De resto—a missa do costume, seguida de procissão, iluminação na véspera, fôgo e comesaina que, no meio de tudo, ainda é o mais proveitoso.

Oxalá os dias que se aproximam sejam de inefável prazer.

—Fez anos na terça-feira o amigo Domingos de Carvalho.

Um chi.

C.

Aos contribuintes

—o—

As contribuições gerais do Estado—predial, industriais grupos A. B. e C., impostos profissionais, profissões liberais e com outros, imposto de capitais e complemento—estão em cobrança durante todo o próximo mêz de Janeiro pela forma seguinte:

Freguesias	
Aradas	2, 3 e 4
Cacia	6, 7 e 8
Eirol	9 e 10
Eixo	11 e 13
Esgueira	14, 15 e 16
Glória	17, 18 e 20
Nariz	21 e 22
Oliveirinha	23, 24 e 25
Requeixo	27 e 28
Vera-Cruz	29 e 30

Todas as contribuições, excepto o imposto de capitais, poderão ser pagas em duas prestações; e a predial e complementar desde que seja igual ou superior a 100$00 e nas restantes a 200$00.

E' certo

—o—

Num convite aí espalhado pela Associação Comercial para o entêrro do sr. dr. Luíz de Magalhães, diz-se que êste, como político, não foi um bandalho.

E' certo. Mesmo porque bandalho político, na verdadeira acepção do termo, há só um: aquêle que, dizendo-se republicano, um dia se mancomunou com os monárquicos para derrubar a Rèpública.

Condução de carnes

—o—

Para êste serviço adquiriu a Câmara um excelente camion fechado, que nêle já se emprega em substituïção da velha carroça, pouco harmónica com a época actual.

Que dirão os *vigilantes* a isto?...

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria Barbara Correia Nóbrega e Sousa, esposa do sr. Agostinho de Sousa, professor de Ensino Técnico em Lisboa e o sr. Aurélio Costa, empregado na Câmara Municipal; no dia 23, as sr.as D. Maria Helena Ferreira Henriques, esposa do médico local, sr. dr. Joaquim Henriques, e D. Carmelina Dias Cruz, filha do sr. Manuel José da Cruz e o sr. Elviro das Neves Lima Duque; em 24, as sr.as D. Maria Luisa da Cunha Coelho Lopes e D. Adelaide C. Gama, esposas, respectivamente, dos srs. Manuel de Sousa Lopes e Francisco Lopes Gama; em 25, a sr.ª D. Rosalina da Conceição Neto, esposa do sr. Cipriano Neto e os nossos amigos dr. Abilio Justiça, distinto oftalmista em Coimbra e Mário Duarte (filho), funcionário do Ministério dos Estrangeiros; em 26, a sr.ª D. Celeste Freitas Fidalgo, esposa do sr. Benjamim Fidalgo e em 27, o sr. Lourenço da Paula Dias, da Fundição Aveirense, desta cidade.

—Também hoje completa o seu primeiro aniversário o inocente Eduardo Andias Meireles, filhinho da sr.ª D. Maria Tereza Andias Meireles e de seu marido o sr. Hermenegildo Meireles.

Parabens.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se, domingo, o enlace matrimonial da simpática tricanhinha Genoveva dos Reis Gamelas, filha do falecido Joaquim Gamelas Ferreira, com o sr. Francelino Costa.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, o sr. Anselmo Ferreira e esposa e pelo noivo a sr.ª D. Juliana Pereira de Melo Ramos e o sr. dr. Pompeu Cardoso.

—Também no mesmo dia teve logar, na igreja de S. Domingos, o consórcio do sr. Luis dos Santos Gamelas com a interessante tricanhinha Maria Tereza Gomes Neto, tendo assistido grande número de convidados.

Muitas felicidades desejamos aos novos lares.

Gente Nova

Em Esgueira deu á luz um menino, a esposa do sr. Américo Ramalho, empregado nos Armazens de Aveiro, L.ª Mãe e filho encontram-se bem.

Partidas e Chegadas

Vindo de Lisboa esteve, terça feira, nesta cidade, de visita a sua familia, o sr. major Victor Hugo Antunes, a quem agradecemos o seu abraço nesta Redacção.

—Seguiu para Figueiró dos Vinhos, onde, devido á promoção, passa a chefiar a agência da Caixa Geral de Depósitos daquela vila, o sr. Sebastião da Costa Trancoso, que fazia serviço na filial desta cidade.

—A bordo do Moçambique, onde exerce clinica, deve chegar hoje a Lisboa o nosso amigo dr. Humberto Leitão.

—Em goso de férias já se encontram entre nós os estudantes universitários David Cristo, Domingos V. Ferreira, João Sucena, Pedro Gonçalves, Francisco do Vale Guimarães e José Maria Soares Carinha.

Doentes

Encontrando-se completamente restabelecida, deve regressar, por êstes dias, de Avelãs de Caminha, a sr.ª D. Arlete Sucena Seabra, filha do comerciante sr. Agostinho Seabra Pato.

—Por se ter queimado, encontra-se de cama a sr.ª D. Bárbara da Costa Crêspo, dilecta filha da sr.ª D. Adelaide Gamelas e Costa.

Telegramas de Boas Festas X L T

A VIA EASTERN aceita até 6 de Janeiro, inclusivé, telegramas de *Boas Festas* a preço. reduzidos para as colónias portuguêsas, Açôres, Madeira, Américas do Norte e Sul, etc. e para todos os países da Europa que aceitem telegramas-cartas.

Os telegramas Padrão continuam vigorando para a América do Norte, Canadá, Terra Nova, México, Cuba e ilhas Bahamas.

Para os Açôres e Madeira existe o sistema Padrão (BF) à razão de 10 escudos por telegrama e com 6 tipos de padrão à escôlha.

* * *

Tambem até o dia 6 de janeiro de 1936 haverá um serviço especial de telegramas de Bôas-Festas com os preços de 1$00 para o continente e 10$00 para Açores e Madeira.

Agradecimento

A familia do falecido José Antônio de Oliveira, vem por êste meio agradecer ás pessoas que acompanharam o extinto á última morada e bem assim áquelas que lhe manifestaram o seu pezar, quer pessoalmente, quer por intermédio do correio.

A todos se confessa mui reconhecida.

Carregal, 15 de Dezembro de 1935.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 22 de Dezembro próximo futuro, por 12 horas, e na execução hipotecária em que é exeqüente a Santa Casa da Misericórdia de Aveiro e executados Sebastião Luís Ferreira de Abreu, solteiro, proprietário, e Rita Dias Vieira, viúva, também proprietária, ambos residentes em Eixo, se há-de proceder à arrematação em hasta pública a-fim-de serem entregues a quem maior lanço oferecer, acima das suas respectivas avaliações, os seguintes prédios:

Três quartas-partes de uma propriedade que se compõe de casas de habitação, sobradadas e baixas, abegoarias, quintal, jardim, poço, pomares, parreiras e terra lavradia, pertenças, servidões e logradouros, sita na rua do Casal, limite da freguesia de Eixo, no valor de 37.000$00;

Três quartas partes de uma terra lavradia e vinha e terra a mato, com todas as suas pertenças, direitos e servidões, denominada *As Bemfeitas*, sita na rua do Forno, limite de Eixo, no valor de 3.000$00.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante e a siza será paga nos termos da lei.

Pelo presente são citados todos e quaisquer credores incertos, e designadamente os herdeiros ou representantes do falecido credor hipotecário inscrito José Fernandes de Jesus, viúvo, proprietário, que foi de Eixo, para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 26 de Novembro de 1935.

Verifiquei.

O Juiz de Direito
Melo Freitas

O Escrivão
João Antonio de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

=o=

Arrematação

2.ª publicação

No dia 22 de Dezembro corrente, por 14 horas, em Verdemilho e na casa de rezidencia dos pais do executado João d'Almeida Vidal, solteiro, maior, comerciante, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer, acima das suas respectivas avaliações, de todos os moveis pertencentes e penhorados ao dito executado na execução de sentença da acção sumarissima que lhe moveu Antonio Francisco Marques, solteiro, lavrador, residente em Moitinhos, freguesia de Ilhavo.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e uzarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 12 de Dezembro de 1935.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,
Melo Freitas

O Chefe da 2.ª secção da 2.ª Vara,
João Antonio de Morais Sarmento

EDITAL

—o—

FERNANDO CHAVES D'OLIVEIRA SARMENTO, Engenheiro-Chefe da 2.ª Circunscrição Industrial:

FAÇO SABER que Viriato Nunes de Carvalho e Silva, pretende licença para instalar uma fábrica de serração de madeiras, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, sita junto da Estrada Nacional n.º 45, ao quilómetro 6.200, freguesia de Eixo, concelho e distrito de Aveiro.

Nos termos do regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do praso de trinta dias a contar da data da publicação e afixação dêste edital, pódem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 5826, nesta Circunscrição com séde em Coimbra, Avenida Navarro, n.º 41.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, 12 de Dezembro de 1935.

O Engenheiro-Chefe,
Fernando Chaves d'Oliveira Sarmento

Comarca de Aveiro

—o—

Anúncio

2.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que no Juizo de Direito da 2.ª Vara, desta comarca foi destribuido e corre seus termos um processo de interdição por prodigalidade em que é interditando José da Cruz e Sousa, solteiro, maior, desta cidade.

Aveiro, 2 de Dezembro de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito, da 2.ª Vara
Melo Freitas

O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Victor

A fechar

Num restaurante encontra-se um *casal*, ceando. Entra certo *chinez* e convidado a tomar parte na refeição — para no fim pagar a despesa, está claro — senta-se, sem cerimónia, mas ao chegar o creado com a conta, exclama:

— Só me restam *50 paus* para pagar àmanhã uma letra.

E assim se livrou do *entalanço* com que o queriam mimosear, declarando mais tarde á mariposa que ficariam para a primeira oportunidade...

Se êle é aspirante a *manata*...

Comarca de Aveiro

1.ª Vara

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 22 de Dezembro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e sêlos que o Ministério Público move contra António Simões Maio, divorciado, carpinteiro, actualmente em parte incerta do Brasil, proceder-se-há à arrematação, em segunda praça, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima de metade da sua avaliação, o seguinte, pertencente e penhorado ao dito executado:

O direito e acção que o executado tem à duodécima parte duma casa térrea, com quintal e pertenças, sita no lugar da Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca, avaliado na quantia de 800$00 e vai à praça por 400$00.

Outrossim proceder-se-há à arrematação, naquêle mesmo dia, pélas trêse horas, na Quinta do Picado, e quintal de Conceição dos Santos Balseiro, ex-mulher do executado, de 3.600 adobos, avaliados em 1.080$00.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos e Maria de Jesus Balseiro, doméstica, casada com Manuel Gonçalves Madail ausente em parte incerta, para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 27 de Novembro de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,
Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 22 de Dezembro próximo, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e sêlos em que é exeqüente o Magistrado do Ministério Público nesta comarca, e executados Silvério Fernandes Sardo e mulher Rosa Marques da Silva, agricultores, da Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, vai à praça pela segunda vez, a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima de metade da sua respectiva avaliação, o seguinte prédio:

Uma terra lavradia, sita no lugar da Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, avaliada na quantia de 80$00 e vai à praça pela quantia de 40$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 25 de Novembro de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,
Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara
João António de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

1.ª Vara

=o=

Arrematação

2.ª publicação

No dia 22 de Dezembro proximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e no inventário orfanologico a que se procede por obito de Octavio Duarte de Pinho, que foi casado, funcionario publico, de Aveiro, e em que serve de cabeça de casal a sua viuva D. Judite Lopes Brandão de Pinho, residente em Aveiro, proceder-se-á à arrematação, em hasta publica, para serem entregues a quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, dos seguintes prédios:

Uma pequena casa terrea, na rua do Seixal, freguesia da Vera-Cruz, da cidade de Aveiro, avaliada em 5.000$00;

Outra pequena casa terrea, na mesma rua do Seixal, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade de Aveiro, avaliada em 3.000$00; e

Uma outra pequena casa terrea, na mesma rua do Seixal, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade de Aveiro, avaliada em 4.000$00.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos, para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Toda a sisa e despezas da praça, são por conta dos arrematantes.

Aveiro, 25 de Novembro de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Correia Marques

O Chefe da 2.ª secção da 1.ª Vara,
Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

1.ª Vara—2.ª Praça

=o=

Arrematação

2.ª publicação

No dia 22 de Dezembro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na carta precatoria para nomeação de louvados, avaliação e arrematação de bens, vinda da 6.ª Vara da comarca do Porto, e extraída da execução por custas e selos em que são exequente o Ministério Público e executada Maria Joana de Jesus, negociante, viuva de Manuel Rodrigues Vieira, moradora na Estrada de São Bernardo, freguezia da Gloria, da cidade de Aveiro, proceder-se-á à arrematação, em 2.ª praça, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima de metade das suas respectivas avaliações, dos seguintes bens: Metade de uma terra lavradia, denominada *Caseiro de Baixo*, sita na Bregeira, limite de Vilar, freguezia da Gloria, avaliada em esc. 1.500$00, e vai à praça por esc. 750$00; e metade de uma terra lavradia, com suas pertenças, denominada o *Liberal*, sita no lugar do Cabeço Negro, limite de São Bernardo freguezia da Gloria, avaliada em 3.000$00 e vai à praça por 1.500$00.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo, e designadamente os herdeiros dos credores inscritos falecidos: Tereza de Oliveira Morais e Manuel Gonçalves da Costa e Silva, moradores nesta comarca.

Aveiro, 28 de Novembro de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção da 1.ª Vara,
Julio Homem de Carvalho Cristo